

MUSEUS PESSOAIS DO HIV: CONSTRUINDO MEMÓRIAS SOBRE O HIV/AIDS E DE CORPOS POSITIVOS EM PELOTAS

GUSTAVO PIRES IBEIRO¹; RAFAELA SOARES VILLAR²; AUGUSTO BONAVITA³; ALINE PATRÍCIA NEVES RAMOS⁴; HUDSON W. DE CARVALHO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelasvillar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - guimanishi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - alinepnramos@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A discussão ora abordada tem sua gênese no pesquisar/fazer/performar museus pessoais do HIV/AIDS. Museus pessoais são práticas dramaturgistas que possibilitam narrativas de si e que podem ser utilizadas em diversos contextos e para distintos objetivos e reverberações. Na nossa experimentação, os museus consistiram na curadoria de objetos simbólicos (materiais e imateriais) que permitiram que o autor/performer vivenciasse uma autonarrativa a partir de metáforas e sentidos erigidos pelos modos como o HIV/AIDS atravessou sua vida.

O nosso contato com a prática dos museus se deu no contexto do grupo de estudos PositHives (curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas/UFPel) que tem como objetivo construir um saber socialmente referenciado, dialético e pós-disciplinar sobre o HIV/AIDS. Os encontros do grupo ocorreram a partir de lógicas dialógicas entre os participantes - docentes e discentes de distintos cursos que apresentam diferentes graus de envolvimento com movimentos sociais - em encontros online semanais que buscavam articular o eixo temático central com a práxis de áreas da saúde, política pública e ativismo.

A partir da experiência dos museus pessoais, podemos observar que (1) vivências subjetivos deflagram questões estruturais da sociedade, sendo possível articular questões subjetivas com coletivo e sociais; (2) a performance dos museus tem potencial de criar um espaço para reflexão sobre temáticas de maneira aprofundada, efetiva e dialógica; (3) (re)pensar/performar a própria história através do museu é vivenciar a si mesmo do modo inédito e, simultaneamente, uma possibilidade construir narrativas íntimas sobre o HIV/AIDS.

Com base nisto, estamos em processo de elaboração de um projeto de extensão que visa expandir a prática dos museus pessoais e propor outras estratégias autonarrativas para a produção de memórias sobre a questão do HIV/AIDS em Pelotas. Pretendemos criar vídeos com pessoas-chave para entender a história do HIV/AIDS na cidade de Pelotas e na vida de seus habitantes.

Essa iniciativa responde a uma inquietação do grupo referente à dinâmica centro-periferia que também caracteriza a produção narrativa sobre HIV/AIDS. Em 40 anos de pandemia, muitos registros e narrativas foram criados, todavia sempre a partir do centro: Nova York, São Francisco, Paris, Londres, Berlim, São Paulo, Rio De Janeiro ou por meio da posição de "grandes especialistas" nacionais ou

internacionais. Pretendemos contar essa história a partir de Pelotas, dos corpos e corpos que aqui vivem e convivem.

Para iniciar a discussão acerca deste projeto de extensão, pretendemos apresentar nosso percurso com os museus pessoais como prática de ensino/aprendizagem e pesquisa e propor um novo formato a fim de alcançar os objetivos supracitados. Ademais, gostaríamos de aproveitar o espaço de discussão do Congresso de Extensão e Cultura da UFPel para receber devolutivas sobre modos de viabilizar a coleta de histórias positivas e as formas mais efetivas de compartilhamento das mesmas em espaços virtuais, como os de redes sociais.

2. METODOLOGIA

Pretende-se, em um primeiro momento, identificar pessoas-chaves para a construção da memória sobre o HIV/AIDS no município de Pelotas: o corpo clínico do SAE/UFPel, pessoas vinculadas ao conselho LGBT de Pelotas, ONGs e coletivos militantes vinculados aos direitos de pessoas que vivem com HIV e comunidade LGBTQIA+, docentes e técnicos da UFPel que tenham vinculações com a temática, PREP, dentre outras.

Essas pessoas serão contatadas e, mediante disponibilidade, um encontro virtual ou presencial (a depender das condições de biossegurança) será agendado para realização de uma entrevista. Nessa entrevista, será previamente requisitado que a pessoa traga um conjunto de objetos simbólicos do HIV/AIDS em sua vida e que construa uma narrativa a partir deles.

Os vídeos passarão por um processo de edição e serão desenhados com tempo limite de poucos minutos a fim de se adequarem à linguagem das redes sociais. A aprovação dos participantes ocorrerá sempre antes da publicação dos vídeos.

Pretendemos, ainda, criar uma página em diferentes redes sociais (Instagram, Twitter, TikTok, etc.) com a identidade do grupo e pensar meios de ampliar a divulgação por meio da articulação com influenciadores digitais e agências e institutos vinculados às temáticas de HIV/AIDS, saúde sexual e movimentos sociais LGBTQIA+.

Em relação à execução detalhada do projeto, iremos discutir questões específicas referentes ao método durante o semestre, como atividade dos presentes autores juntamente ao grupo de estudos. Partimos da premissa de que, apesar da nossa experiência apontar para caminhos possíveis dos museus e construção de narrativas, eles, em si, não podem ter seu caminho delimitado previamente. Diante disso, ressaltamos que a metodologia aqui apresentada se dá de forma propositiva, abrindo a discussão para a futura consolidação do processo que inicia-se neste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da criação e performances dos museus pessoais foi possível observar diversos efeitos no grupo PositHives, a começar pelo estreitamento de laços entre os participantes. O processo, proposto no início do projeto, permitiu com que os membros alternassem suas participações através da fala e da escuta, e, aos poucos, o compartilhamento de histórias contribuiu para que todos passassem a se perceber e conhecer mais enquanto colegas, além da potente integração que surgia entre eles articulada à temática. Sendo assim, concomitante à produção dos museus, o grupo passou a se constituir como um

espaço que abre possibilidades de criação, que acolhe e constrói em coletivo, a partir da troca e do constante movimento. É por meio do compartilhamento e acolhimento das diferenças e subjetividades que o percurso de tornar-se grupo começa a ser traçado (REVEL, 2012). Além disso, possibilita-se a construção de uma memória coletiva, a qual pode ser olhada a partir da ótica da subjetividade e/ou do meio social.

Além de colaborar para o processo grupal, com o decorrer dos semestres, a experiência dos museus pessoais se desdobra em dois trabalhos de ensino/pesquisa: *“Exposição museus pessoais PositHIVes: a presença, a ausência e o implícito inscritos na memória sobre HIV/AIDS”*, trabalho aceito e em breve publicado nos anais da semana dos museus da UFPel e *“Museu pessoal: inscrições biográficas e performativas do HIV/AIDS”*, apresentado no congresso de ensino realizado no ano de 2020. Com o processo de produzir os trabalhos, diante das leituras teóricas e reflexões conjuntas, foi possível estabelecer debates através de várias perspectivas que se complementam para dar sentido à complexidade do HIV/AIDS. Dos atravessamentos individuais presentes nos museus emergiram temas que puderam ser vinculados e discutidos a partir da considerada “alta teoria”, elencando a relação do objeto central de estudo com a biomedicina, saúde e políticas públicas, olhares históricos e decorrência até os tempos atuais, regimes políticos e o espaço e papel da psicologia e da arte neste contexto.

As discussões geradas a partir das produções acadêmicas e performances perduraram durante os três semestres de atuação do grupo, evidenciando a quantidade de caminhos que poderiam surgir a partir da proposta, demonstrando o caráter rizomático do fenômeno, ou seja, descentralizado, múltiplo e relacional (DELEUZE, GUATTARI, 1996). Diante disso, com o decorrer das discussões e contato com o material, dentre algumas das facetas do fenômeno que pudemos observar, uma delas foi a expressividade da lógica centro-periferia, ou seja, a memória do HIV/AIDS parece ser construída a partir de grandes centros, como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. Observamos grande escassez de trabalhos que contêm a história a partir de cidades como Pelotas e, com isso, percebemos a importância de criarmos um espaço que possibilite com que histórias positHIVes muitas vezes silenciadas sejam visibilizadas.

4. CONCLUSÃO

O grupo entra em uma nova fase de produção desses museus buscando vivências do HIV/AIDS com pessoas que já puderam experienciar Pelotas e suas singularidades. Espera-se que ao entrar em contatos com coletivos, ONGs, e indivíduos que habitam ou habitaram em Pelotas possamos construir uma memória viva, que descentralize experiências, vivências e afetos. Produzir memória viva coletiva sem um centro normativo e ampliar a divulgação que as mídias sociais proporcionam, é ampliar os nossos rizomas para além do espaço físico e academia. Assim, podemos proporcionar coletiva e individualmente visões alternativas da história do HIV/AIDS a partir de autonarrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996, v.1.

REVEL, J. **Lugar comum:** Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35-36 set. 2011-abr. 2012.

VILLAR, R. *et al.* Exposição Museus pessoais Posithives: a presença, a ausência e o implícito inscritos na memória sobre HIV/AIDS. **Anais semana dos museus UFPeI.** (no prelo)